

MOLDURA DE PENSAMENTO BÍBLICO E A LITERATURA DE FAVELA

Cristian F. Martins – Professor Antropologia UFAM Alto Solimões

RESUMO: Este artigo compara a literatura produzida pelos moradores das favelas com a produzida pela literatura Pentecostal. Nele, percebemos a existência de uma semelhança contingente quanto ao uso da categoria social “libertação”. Ademais, a categoria social “libertação” é reconhecida por ambos nos discursos em que afirmam a existência de uma entidade supra-humana (nomeada “sistema”, “diabo”, “colonialismo”, “dominação colonial” etc.), que destrói, desumaniza e provoca a indignidade em milhares de seres humanos.

Palavras-chave: Libertação. Literatura Pentecostal. Cultura Bíblica. Enquadramento.

BIBLICAL THOUGHT FRAMES AND SLUM LITERATURE

ABSTRACT: This paper compares the literature produced by residents of “favelas” (slums) with Pentecostal literature in Brazil. We found a contingent resemblance between the use of “liberation” as a social category. Yet, this term is used by both parts as they recognize the existence of a supra-human entity (also called “system”, “devil”, “colonialism”, “colonial domination” etc.) that destroys, dehumanizes and forces indignity to millions of human beings.

Keywords: Liberation. Pentecostal Literature, Biblical Culture, Thought Frames.

Introdução

Este artigo é parte da tese de doutoramento (Martins, 2010), defendida no CEPPAC, Universidade de Brasília. Naquela oportunidade, ao analisar comparativamente as obras da literatura produzida pelos moradores das favelas (ou “periferias”) paulistas e, de uma literatura específica produzida pelos membros de igrejas pentecostais, percebi que, em ambos os tipos de produção literária, o ser humano aparece na trama como um ser material/carnal e mental/espiritual, que padece de processos doentios de alienação psíquica e espiritual, que levam-no a uma situação de “cativeiro”, fruto da “opressão” realizada por duas entidades supra-humanas:

-o “sistema” capitalista (no plano materialista e da literatura de favela); e o satanás/diabo/demônio (no plano espiritual e na literatura pentecostal).

Seria muito precipitado dizer que todos os moradores das favelas pensam a realidade dessa maneira, mas considerando que os antropólogos são os “miniaturistas das ciências sociais” (Geertz, 2004, p.18), que esperam “encontrar no pequeno o que nos escapa no grande, tropeçar em verdades gerais em meio aos casos específicos” (Ibidem), então, podemos afirmar categoricamente que essa “moldura de pensamento” bíblica (Goffman, 1986)* é fundamental para compreendermos o modo como os moradores das favelas pensam a sua própria existência social.

É, pois, com o intuito de compartilhar com o leitor dessas e de outras questões levantadas na tese, que escrevo este breve artigo.

1. Alessandro Buzo: A história de um Suburbano Convicto

Alessandro Buzo é um morador do Itaim Paulista, periferia da cidade de São Paulo, que se auto-define como escritor (pertencente a Literatura Marginal), apresentador de programas televisivos e “aprendiz de cineasta”.** A obra do referido escritor, nasce do que poderíamos chamar de “laboratório” da vida suburbana paulista, que é a sua própria experiência de vida como morador da “periferia”.

Essas experiências, decorrentes dessa vida-laboratório suburbana, permitiram a Buzo formular o que poderíamos chamar de tese sociológica sobre a entrada dos jovens moradores da periferia no mundo da “ilusão do poder” ou da criminalidade.

Para Buzo (2004), há uma separação entre o caminho da “ilusão do poder” e o “caminho estreito” enquanto trajetórias e estilos de vida opostos e antagônicos, o que **não** exclui o trânsito entre elas.

* Trajano Filho (2006) apropria-se do conceito de “enquadramento” ou “moldura” de Goffman(1986) para dar conta da estrutura social que organiza a experiência de vida dos sujeitos históricos pesquisados. Segundo ele, tal conceito ajuda-nos a pensar os “esquemas de interpretação” que os atores históricos “utilizam para definir e dar sentido às situações sociais nas quais estão envolvidos no próprio ato de nelas estar.” (Trajano Filho, 2006, pp.01-02) Além disso, “por meio dessas armaduras, os sujeitos percebem, identificam, localizam e nomeiam as atividades nas quais estão inseridos.” (Trajano Filho, 2006, pp.01-02)

** Para maiores informações sobre Alessandro Buzo ver o site: <http://www.suburbanoconvicto.blogspot.com.br/> no qual ele narra o seu dia-a-dia de escritor e morador da periferia.

Para o referido autor:

O crime sempre irá existir, pelo menos enquanto a sociedade não aprender a dividir. Enquanto o povo passar fome e não encontrar emprego, sempre vai existir quem tente melhorar de vida através do tráfico e do crime, mas o herói de hoje é o morto de manhã, o bam-bam-bam de hoje é o presidiário de amanhã. Nos bairros pobres da periferia, em todo o Brasil, não só no Itaim Paulista, o que separa um jovem do mundo do crime é uma linha imaginária, que muitos rompem sem às vezes perceber. Nesta hora, o que a família deu de base espiritual, cultural, social, tudo isso conta muito. Se a família é fraca, o rompimento é mais fácil. Mas criar bem não é dar roupas, tênis, carro, dinheiro. Criar bem é dar amor, carinho, companheirismo, atenção. Por isso que vemos vários casos sobre droga na TV e a primeira coisa que o pai e a mãe diz é: “Não sei onde erramos, ele tinha tudo”. Às vezes, o tudo material não é nada. Temos que cuidar de nossos jovens, nem todos aprendem na rua sozinhos. **O caminho do crime é largo, fácil de se envolver, se cria uma ilusão do poder.** Em cinco, seis meses, o cara deixa de ser um duro sem um tostão e passa a ter dinheiro no bolso todo dia, o cara vê pessoas trabalharem o dia todo e ganhar por mês menos do que ele ganha por semana, muitas vezes por dia. **O outro caminho é estreito.** Você é pobre, mora longe do centro, se mata nos transportes coletivos, ganha um salário de fome, é tratado com pouco caso pelo patrão, que paga mal porque, se sai um, tem dez querendo entrar no seu lugar. (...) Os patrões vivem reclamando da vida, do governo, dos impostos. Mas não deixam de curtir no litoral cada fim de semana prolongado, andam de carrões de luxo, muitas vezes importados, seus filhos estudam em escola particular, fazem cursos de computação, aprendem inglês bem cedo, sua família dispõe dos melhores convênios médicos e odontológicos. (Buzo, 2004, pp.79-80, grifos meus)

Segundo a tese de Buzo (2004), a sociedade capitalista gera desigualdade social, materialismo, individualismo, crueldade e opressão, na medida em que nela, o objetivo maior dos indivíduos é a acumulação de bens materiais ou a plena satisfação dos seus desejos físico-psíquicos, mesmo que à custa da degradação da qualidade de vida dos outros. Nessa sociedade, a desonra, a não- compaixão, o egocentrismo e o hedonismo seriam os grandes guias da ação dos indivíduos, sendo esse é o caminho da “ilusão do poder”.

Mas, continua Buzo (2004), há uma alternativa a essa barbárie e ela é o “caminho estreito”, que é o oposto do primeiro estilo de vida. No “caminho estreito”, a honra, a dignidade humana, a preocupação com o próximo e o espírito cristão são os guias das condutas humanas.

Apesar de Alessandro Buzo afirmar categoricamente que não compartilha dos ideais pregados pelas religiões cristãs, principalmente o catolicismo e o pentecostalismo, é interessante observar que no seu romance *Guerreira*, ele diz que a personagem principal da trama, Rose, alcançou a redenção no dia em que se livrou definitivamente do uso das drogas ilícitas e abandonou definitivamente a “babilônia chamada São Paulo”. (Buzo, 2007, p.116)

Pensando sobre o significado da palavra “Babilônia” nessa trama, percebemos que ela não é muito diferente daquela presente nas citações bíblicas. Rose, no auge da sua degeneração moral era uma prostituta drogada que reproduzia seu estilo de vida na cidade de São Paulo, por ser ela um meio apropriado ao desenvolvimento dessas atividades.

Vejamos algumas referências da Bíblia a respeito da *Babilônia*:

E outro anjo seguiu, dizendo: Caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição. ([Apocalipse de João 14:8](#))

E a grande cidade fendeu-se em três partes, e as cidades das nações caíram; e da grande Babilônia se lembrou Deus, para lhe dar o cálice do vinho da indignação da sua ira. ([Apocalipse de João 16:19](#))

E na sua testa estava escrito o nome: Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra. ([Apocalipse de João 17:5](#))

E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e covil de todo espírito imundo, e esconderijo de toda ave imunda e odiável. ([Apocalipse de João 18:2](#))

Estando de longe pelo temor do seu tormento, dizendo: Ai! ai daquela grande Babilônia, aquela forte cidade! pois numa hora veio o seu juízo. ([Apocalipse de João 18:10](#))

E um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó, e lançou-a no mar, dizendo: Com igual ímpeto será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada. ([Apocalipse de João 18:21](#)) *

É visível a semelhança entre os significados atribuídos pela Bíblia e por A. Buzo ao termo Babilônia! Esse fenômeno é perfeitamente compreensível quando informamos que a mãe de Alessandro Buzo, a sua “heroína”, era “evangélica”, o que é evidenciado pelo fato dela ter levado grupos de “crentes” para rezar por A. Buzo quando ele quase teve uma das pernas amputadas, após um acidente ferroviário. ** (Buzo, 2004, p.38).

*Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>> [Acessado em 11 de janeiro de 2008].

** Nesse episódio, A. Buzo teve ferimentos graves numa das pernas ao cair num buraco durante caminhada ao longo de um trilho de trem. Naquele dia, o trem quebrou e os passageiros desceram caminhando em direção a estação e, nesse momento, Buzo feriu-se. Esse episódio motivou-o a escrever um relato intitulado *O Trem: Baseado em fatos reais*, publicado e divulgado pelo próprio autor em 2000. Para maiores informações sobre a obra, acessar o site <http://www.suburbanoconvicto.blogspot.com.br/>.

Assim, conforme o próprio autor admite, “a família dá a base espiritual, cultural, social e tudo isso conta muito” (Buzo, 2004, pp.79-80) para a formação da personalidade dos indivíduos. Ou seja, o “campo de possibilidades” (Velho, 1999) no qual o autor/ator está inserido, contribui para a formação das suas percepções acerca da realidade vivida.

Curiosamente, no Posfácio do *Suburbano Convicto*, Guilherme de Azevedo (um amigo de A. Buzo) afirma que o autor da obra “já caminhou mais que Moisés” e que as suas publicações podem ser comparadas a “longas caminhadas de evangelização”. (Azevedo, 2004, p.113, In: Buzo, 2004)

Ricardo, a personagem principal de *Suburbano Convicto*, esse quase romance, esse quase documentário – ficção e realidade se confundem na periferia -, surge como alter-ego do autor, mas também dos muitos outros habitantes de todos os subúrbios que apostaram no caminho difícil do bem, da dignidade, do trabalho. Infelizmente, a honestidade ainda vale muito pouco no Brasil. (Idem, pp.114-115)

Discordo de Azevedo (2004) quanto ao fato de Ricardo ser o “alter-ego” de Alessandro Buzo. Na verdade, o personagem Ricardo é o próprio “ego” do referido autor. Ademais, partindo dessa interpretação “babilônica” da nossa sociedade, podemos dizer que o dia da redenção final ainda não se realizou e que vivemos numa sociedade na qual “o sagrado, o mundano e o proibido estão misturados e é difícil diferenciá-los”* - daí a difusividade das fronteiras entre o mundo da “ilusão do poder” e do “caminho estreito”. Por isso, cabe a nós (a humanidade) a vigilância e a luta constante contra o Mal, materializado na desonra e no hedonismo característicos da sociedade babilônica.**

* No original: “Babilônia, Bavêl, em hebraico, está relacionada com a palavra Bilbul, que significa mistura, confusão. Bavêl corresponde ao mundo e suas nações, onde o sagrado, o mundano e o proibido estão todos misturados e é difícil diferenciá-los.” In: <<http://www.bibliaonline.net/scripts/dicionario.cgi>> [Acessado em 11 de janeiro de 2008]

** “Acreditar no sonho é preciso, mas correr atrás é necessário, porque do céu só cai chuva e às vezes, infelizmente, avião”. (Buzo, 2004, p. 127)

Ricardo é, pois, um “Moisés da periferia” porque, apesar de todas as ofertas e tentações que recebeu para entrar no mundo da “ilusão do poder”, recusou-se a fazê-lo em nome da dignidade e da honra. Ele “sabia que não existia crime perfeito” (Buzo, 2004, p.79) e percebeu que “todos os seus conhecidos que trilharam este caminho se deram mal”. (ibidem) Assim, conclui o narrador do *Suburbano Convicto*, “apesar de tudo, Ricardo e a maioria da população pobre do Brasil ainda apostam no caminho estreito.” (idem, p.80)

Por fim, no último capítulo do *Suburbano Convicto*, intitulado *Nasci para Viver*, o narrador-autor revela o seu projeto alternativo ao barbarismo da sociedade babilônica. Citando uma música dos Racionais MC`s ele diz que:

Fui criado no trabalho/Sou um pobre operário/Podem me chamar de otário/Mas tenho dignidade/Amo minha mulher e meu filho/É pra eles que eu vivo/Mas solto meu grito agora/ Pra não me sentir oprimido. (Racionais MC`s, música *Eu*, apud Buzo, 2004, p.110)

Da perspectiva do narrador, é preciso se rebelar contra o “sistema”, cuja essência é a própria sociedade babilônica. Nesse sentido, o narrador-autor acredita que Ricardo é um *Suburbano Convicto* por que:

Acredita que, com cultura e educação, a periferia pode se rebelar, sem ter que se armar. Porque uma coisa é certa: enquanto a periferia não se unir, deixar de ter vergonha de dizer onde está, querer parecer com os de fora, nada vai mudar. A cada dia, Ricardo agradece a Deus por ter sobrevivido às drogas, e sabe que só depende dele para que o seu filho não tenha a rua como escola. Prefere ser ele o professor. No país da desigualdade social, ele luta, cresce, evolui, porque, na escola da malandragem, ele foi expulso e como diz aquela letra: “A maior malandragem do mundo é viver”. (Buzo, 2004, p.111)

Sobre o poder do “sistema” e sobre a necessidade de se rebelar contra essa entidade, o rapper brasileiro GOG escreveu uma música chamada *Malcom X foi à Meca... GOG foi ao Nordeste*. Nessa letra, GOG afirma que é “um paciente em crise, em fase terminal, Um Dom Quixote enfrentando o mundo atual”. Na busca por respostas aos seus dilemas materiais e existenciais, o poeta encontrou a história de Malcom X.

Música: *Malcolm X Foi à Meca...GOG ao Nordeste*
Autor: GOG

Vagou por sub-empregos, drogas, morou na prisão
A trajetória que queriam os comandantes da nação
Mas conheceu o que precisa para manter a mente sã
Desafiando o Tio Sam, se converteu ao Islã
Malcolm X expressou a fúria de milhões
E nos tempos no seu tempo reunia multidões
Experimentou racismo desde o seu nascimento

Revidou e foi chamado de homem violento
O mais raivoso da América
O despertador da negritude periférica:
"-Hoje, agora! É hora de ser feliz"
E negros irados, marchavam por direitos civis
Contra todos, e qualquer ato hostil, trabalho servil
Num país tão racista quanto o Brasil
Mas quem dá nome aos porcos é um ser perigoso
Principalmente quando o porco é alguém famoso
Antes de partir para a eternidade

Malcolm foi a Meca e voltou trazendo
novidades
Que o demônio não tinha cor branca, nem olhos
azuis
E que o sistema era quem alimentava o homem
de capuz
Disse: "Estarei com qualquer um, não importa
sua cor
Desde que queira mudar sua rotina de horror"
De guerra, que dilacera, impera no planeta
O inimigo geralmente usa gravata e caneta
"Salve-se quem puder..." -Dexter assim que é
Marcha ré no povo, é o que o sistema quer
Te põe a anos pelos quatro cantos do interior
Mandela brasileiro, é você amigo
Com letras conscientes, ao título faz jus
Num país onde a coca-cola comprou Jesus
A notícia é forte, soube no balcão da lanchonete

Malcolm X foi à Meca e GOG ao Nordeste

Em cada esquina tem um monstro...
Em cada beco tem um monstro...
Em construção, como um prédio inacabado
Rebelião, vários estão amotinados
Nas favelas, nas quebradas, nos presídios
Nas escolas, nos seus lares, nos abrigos
Eu tenho um sonho, vivo um pesadelo
Indecifrável, formulário sem modelo
Quem acredita, desafia, sempre alcança
E em fim chega ao fim a sede de vingança
"Nas coisas mais simples uma grande lição"
Esta frase li no pára-choque de um caminhão
Aconteceu comigo, amigo, algo semelhante
Ao ocorrido com um nobre militante
Filhos de nordestinos, chegamos a Brasília
Destino? Ruas de terra, periferia
Com o passar do tempo, vieram as conquistas
Casa melhor, emprego, asfalto na pista
-Mas aê! a minha melhoria, não significou a dos
outros
-Não vou esquecer minhas origem e nem deixar
meu posto
Fiz do Rap minha denuncia, dei nome aos
porcos
Provei que a periferia é muito mais que
amontoar corpos
E se incomodou ao sistema opressor
Escrevi Fogo no Pavio.

Nesta letra há um paralelo entre a missão de Malcom X* e a de GOG no sentido de que ambos são voluntários da luta contra uma entidade chamada “sistema” que explora e destrói a vida de milhares de seres humanos, independentemente da sua raça ou nacionalidade. Os contextos sócio-históricos nos quais esses autores estão inseridos são distintos e jamais poderíamos saber se Malcom X concordaria com a interpretação que GOG deu à sua obra. Em todo caso, fica a idéia de que GOG teria uma missão “missionária” que é lutar contra o “sistema”, essa entidade opressora, degradadora e exploradora de seres humanos, o verdadeiro “Mal absoluto”, também conhecido como “Babilônia”, na nomenclatura de Buzo (2004).

Nas gravações ao vivo da música *O amor venceu a guerra*, GOG improvisa performaticamente algumas falas (emocionantes), que dão uma idéia geral do que é o seu projeto “social-messiânico”:

Só o amor, tá ligado, só amor constrói, irmão. Só a responsabilidade constrói, justiça, tá ligado! Porque ser bom, você pode tá errado. Se você for ruim, você sempre tá errado. Mas se você for justo, irmão, você terá, tá ligado, do fundo do coração, toda felicidade.

À todos os meus parceiros, à todas as mulheres lindas da periferia, à todos os parceiros de responsa, à todas as senhoras, à todas as crianças, tá ligado, meu muito obrigado.

É isso aí, rapaz, é desse jeito, rap de verdade, original, criado na favela, no gueto, tirado do coração, lá do fundo, tá ligado,

Ô sonho lindo, irmão, ô sonho.

[Pausa]

Ôô sonho, muleque.

[Pausa]

Sou louco não, hein, sou louco não.

Eu vou estremecer...

* Aos interessados em maiores informações sobre a biografia de Malcom X, sugiro a leitura de Malcom X & Haley (1992).

(GOG, música *O amor venceu a guerra*, disponível no site www.youtube.com, Acessado em fevereiro de 2008)

Numa outra versão, também ao vivo, desta música, GOG novamente improvisa:

Pois é, rapaziada, é desse jeito. GOG, desequilibrado.

(...)

É sem dá, sem dá, sem dá chance pro sistema que massacra.
Que te impede, tá ligado, de curtir de boa. De fazer as coisas que você quer. Eu sou sim, mais um desequilibrado.

(GOG, música *O amor venceu a guerra*, disponível no site www.youtube.com, Acessando em fevereiro de 2008)

Aparentemente, GOG dirige sua fala a um interlocutor, não identificado, que possivelmente o chamou de “desequilibrado”. Ao mesmo tempo, assim como no primeiro improvisado, está presente a idéia de que GOG é um cavaleiro andante, um missionário, que cotidianamente luta contra o “sistema”.

Conforme me sugeriu o amigo e cientista social Wanderson Chaves, numa das nossas conversas informais sobre o movimento Hip Hop:

É muito interessante, pensar esses escritores através do texto bíblico. Não é de hoje que vejo artistas como Mano Brown e MV Bill falarem que se sentem como pregadores (no sentido do Evangelho, o que tem um aspecto religioso), o que os coloca em uma situação de arautos, de messias. (Eu vos trago a boa-nova).

Até mesmo o pessoal do crime [do PCC] também tem dessas. Às vezes, eles se acham os escolhidos, no sentido do Evangelho, o que reveste sua atividade de um aspecto anti-democrático. É aquela história: só os escolhidos podem guiar o Seu povo no deserto... (Conversa por e-mail com o Wanderson Chaves, em março de 2008). *

*Considero importante citar essas conversas informais porque foram elas que, em muitos momentos, me ajudaram a formular o corpo de idéias que formaria a tese. Tais momentos de diálogo reforçam a idéia de que apesar da sua autoria e responsabilização individual, o trabalho intelectual é sempre coletivo: isto é, é fruto do nosso processo de socialização dialógica ao longo do processo de escrita.

Obviamente que o Hip Hop - e um dos seus braços não-musicais que é a própria Literatura Marginal-, **não** são movimentos messiânicos no sentido religioso da palavra, até porque os seus participantes negam enfaticamente uma ligação com quaisquer

formas (institucionalizadas ou não-institucionalizadas) de religião, principalmente a Católica Apostólica Romana. No entanto, como percebe o colega Wanderson Chaves, o texto bíblico, - o qual é cotidianamente reinterpretado por diferentes atores históricos que habitam a periferia, como a mãe de Alessandro Buzo -, influencia o pensamento social desses escritores e pode nos ajudar a compreender esses discursos.

Ademais, é interessante notar que tanto a Literatura Marginal quanto a Literatura Pentecostal falam sobre as possibilidades de “libertação” humana do “cativeiro” criado pela Besta-Fera/Satanás ou pelo “sistema”.

Conforme constatou Ricoeur (1969, 1978, apud Otávio Velho, 1998 pp.17-19), o “cativeiro bíblico” é uma noção “absolutamente fundamental para pensar a condição humana” em diferentes épocas e lugares. Nesse sentido, a noção de “libertação” do “cativeiro” é igualmente importante a este trabalho, visto que tanto a Literatura Marginal quanto a Literatura Pentecostal, propõe-se a serem meios a partir dos quais os indivíduos tomam consciência da sua situação de “cativeiro” e compartilham experiências de vida “libertação” entre si, revelando o real caráter do “Mal absoluto” que tanto pode ser o “sistema” quanto Satanás. Nesse sentido, a conversão ao “movimento hip hop” ou ao pentecostalismo representam o caminho da redenção e a possibilidade efetiva de “libertação” desse cativeiro psíquico-espiritual.

Considerações Finais

Alvarez, Dagnino & Escobar (2000) utilizam o termo “política cultural” para chamar atenção para a existência de um “laço constitutivo” entre política e cultura que, por um lado, define a cultura como “concepção de mundo, como conjunto de significados que integram práticas sociais”, a qual “não pode ser entendida adequadamente sem a consideração das relações de poder embutidas nessas práticas”(Alvarez, Dagnino & Escobar, 2000, p.17), e, que por outro lado, implica a compreensão dessas relações de poder com o reconhecimento de seu “caráter cultural ativo”, na medida em que “expressam, produzem e comunicam significados”. (ibidem) Tal conceito assinala que a dimensão cultural engendra processos coletivos e incessantes de “produção de significados” que moldam a experiência social e configuram as relações sociais. (idem, p.18)

Assim sendo, as histórias contadas por Alessandro Buzo podem ser tomadas como metanarrativas da experiência de vida de um típico morador das favelas, com a

ressalva de que, nessa mesma região simbólico-geográfica, pode haver a ocorrência de variações discursivas, relacionadas a fatores como gênero, geração e a regionalidade do autor. Assim sendo, pode ser que a narrativa de uma mulher, também moradora do Itaim Paulista, tenha outros elementos narrativos não abordados por Alessandro Buzo e que se referem a posição estrutural que cada autor ocupa na sociedade.

Em todo caso, essa metanarrativa da experiência de vida do morador da favela, mostra que os movimentos populares urbanos se apropriam ativamente da ligação umbilical entre a política e a cultura (Alvarez, Dagnino & Escobar, 2000), para pôr em movimento forças culturais que enunciam identidades e estratégias de ação coletivas, as quais agem contra os projetos dominantes de construção da nação, dentre eles o extermínio dessas regiões, como ocorreu frequentemente no século XX.* Desse modo, se há um discurso que situa a favela como o lugar dos párias da sociedade (Sevcenko, 1984; Valadares, 2000), então, a fala de Alessandro Buzo, ao contrário, mostra que essa região é, sobretudo, o lugar das pessoas honradas e dignas. Por isso, tal discurso contra-hegemônico tem o poder de desconstruir estereótipos sobre o modo de vida desses atores e re-significar positivamente a sua identidade.

Conforme atesta Franco(1998, apud Alvarez, Dagnino & Escobar, 1998, p.24), “o poder de interpretar e a invenção e apropriação ativa da linguagem são instrumentos cruciais para os movimentos emergentes que buscam visibilidade e reconhecimento”, sendo a “política cultural” um processo que é, “posto em ação quando conjuntos de atores sociais moldados por e **encarnando diferentes significados e práticas culturais** entram em conflito uns com os outros”. (Alvarez, Dagnino & Escobar, 2000, p.24, grifos meus)

* Para maiores detalhes sobre os projetos de extermínio das favelas ao longo do século XX, ver Sevcenko(1984) e da Valadares (2000)

Ao mesmo tempo, ao adentrarmos nesse universo relacional chamado Literatura Marginal, a partir da obra de Alessandro Buzo, percebemos que a noção de “cultura bíblica” (Ricoeur, 1969) nos ajuda a compreender que a cultura moderna está carregada de sistemas de significados cristãos (até na importância dada a honra e a dignidade), que fazem com que mesmo os atores que neguem qualquer tipo de religiosidade, como é o caso de Alessandro Buzo, produzam uma literatura que tem referências diretas a luta apocalíptica entre Deus e o diabo, na imagem da luta contra o “sistema”.

Por fim, a partir desse paralelo entre os conteudos da Literatura Marginal e da Literatura Evangélica (ou Pentecostal), - no que se refere ao fato de ambas serem que o homem (como um ser material/carnal e mental/espiritual) padece de processos doentios de alienao psíquica e espiritual, que levam-no a uma situao de “cativoiro” -, percebemos que a “moldura de pensamento” bíblica, continua a ser fundamental para compreendermos o mundo contemporâneo no qual vivemos. E, que qualquer política social que queira atender aos moradores das favelas, deve atentar para o fato de que a literatura produzida por autores como Alessandro Buzo, conectadas direta ou indiretamente a cultura bíblica, dizem muito sobre o modo de ser e viver desses atores sociais, o que facilita a comunicao entre os idealizadores dessas aoes públicas e os atores que vivem nesses regioes.

Referências:

ALVAREZ, S. E.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A.(Orgs.). *Cultura Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

BUZO, Alessandro. *O Trem: Contestando a Versão Oficial*. São Paulo: Edicon, 2000.

BUZO, Alessandro. *Suburbano Convicto: Cotidiano do Itaim Paulista*. São Paulo: Edicon, 2004.

BUZO, Alessandro. *Guerreira*. São Paulo: Global Editora, 2007.

BUZO, A. (org.). *Suburbano Convicto: pelas periferias do Brasil*. São Paulo: Suburbano Convicto, s/d.

FRANCO, Jean. “Defrocking the Vatican: Feminism’s Secular Project”. In: ALVAREZ, S. E.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A. (Ed.) *Cultures of Politics/Politics of Culture. Re-visioning Latin American Social Movement*. Bolder, Colorado: Westview Press, 1998.

GEERTZ, Clifford. *Observando o Islã*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

MARTINS, Cristian F. *Libertao nas Américas: Um estudo comparado da “cultura bíblica” a partir da literatura pentecostal*. Dissertao de Mestrado. Brasília: Ceppac/UnB, 2010.

RICOEUR, Paul. *The Symbolism of Evil*. Boston: The Beacon Press, 1969.

RICOEUR, Paul. *O Conflito das Interpretaoes*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

RICOEUR, Paul. *Du texte a l’action: Essais d’hermeneutique II*. Paris:Le Seuil, 1987.

RICOEUR, Paul. *O Conflito das Interpretaoes: Ensaio de Hermentica*. Porto: Rs Editora, 1988.

RICOEUR, Paul. *A Hermenutica Bíblica*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

TRAJANO FILHO, Wilson. “Os cortejos das tabancas: dois modelos da ordem”, In: Maria Laura V. C. Cavalcanti e José Reginaldo Santos Gonçalves (orgs.), *As festas e os dias: ritual, etnografia e análise cultural*, Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

VALADARES, Licia. “A gnese da Favela carioca: a produção anterior às ciências sociais”, in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. _Volume 15, número 44, outubro, 2000.

VELHO, Otávio. *Capitalismo autoritário e campesinato: Um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento*. São Paulo: Difel Difusão, 1976.

VELHO, Otávio. *Besta-Fera: Recriação do Mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.

VELHO, Otávio. *Circuitos Infinitos: Comparações e Religiões no Brasil, Argentina, Portugal, França e Grão-Bretanha*. São Paulo: CNPq/Pronex e Attar Editorial, 2003.

VELHO. Otávio. *Mais Realistas que do que o Rei: Ocidentalismo, religião e modernidades alternativas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

Recebido em 28/2/2009

Aceito em 30/4/2009